Oferta pesa, clima ameaça: o frágil equilíbrio do mercado de café!

Outubro foi marcado por uma reversão nos preços do café. Na ICE Futures US (Bolsa de Nova York), o Arábica sustentou um movimento altista durante a maior parte do mês e chegou a se aproximar dos 305,00 cents/lb, mas perdeu força na reta final e, na última semana, recuou abaixo de 280,00 cents/lb. Na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), a correção do Canephora foi ainda mais acentuada. O contrato com vencimento em janeiro/27, que havia sido negociado acima de USD 3.600,00/ton na primeira semana, cedeu ao longo do mês e encerrou outubro próximo de USD 3.200,00/ton. A recente melhora na fluidez do abastecimento global, impulsionada pelo maior ritmo das exportações brasileiras com o escoamento da nova safra, contrasta com um quadro de estoques ainda baixos e com o risco climático associado ao El Niño, que vem se intensificando. Somada à forte oscilação do câmbio, que ora sustentou, ora pressionou os preços, essa combinação deixa o mercado de café extremamente volátil e incerto.

Fatores baixistas: Safra global recorde no horizonte: o USDA projeta a safra mundial 2026/27 em 189,667 milhões de sacas de 60 kg, incremento de 10,837 milhões de sacas frente ao ciclo anterior, resultando em superávit de 9,931 milhões de sacas. Na mesma linha, o Rabobank estima um superávit global de 8,82 milhões de sacas, reafirmando a expectativa de um balanço mais confortável para o ciclo. No Brasil, enquanto a Conab estima uma safra recorde de 67,6 milhões de sacas, a StoneX projeta 77,2 milhões de sacas. / A entrada da nova safra com aumento no fluxo das exportações brasileiras: Impulsionadas pelo escoamento da nova safra e pela retomada dos embarques aos Estados Unidos, as exportações brasileiras de café somaram cerca de 16,3 milhões de sacas de julho a outubro de 2026, segundo o Cecafé. Em julho, foram 3,03 milhões de sacas (+9,9% sobre julho de 2025); em agosto, 4,16 milhões (+31%), recorde para o mês; e em setembro, 3,89 milhões (+3,1%). Outubro registrou 5,22 milhões de sacas, maior volume mensal da série histórica, com alta de 25,8% sobre outubro de 2025 e de cerca de 34% sobre setembro, conforme dados preliminares. / Exportações Vietnamitas: As exportações de café do Vietnã nos dez primeiros meses de 2026 somaram 1,569 milhão de toneladas (cerca de 26,15 milhões de sacas de 60 kg), o que representa um aumento de 18,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. / Novas safras de outras origens: a expectativa do mercado é de que o avanço da colheita no Vietnã (Canephora) e na Colômbia e América Central (Arábica) deve ampliar o alívio no abastecimento, com efeito mais forte sobre a oferta a partir de dezembro e janeiro. / Segundo turno das eleições brasileiras e câmbio: com o resultado eleitoral do 2º turno, o dólar subiu mais de 5% frente ao real em outubro. A alta melhorou a remuneração do café em reais, estimulou as vendas dos produtores e contribuiu para a queda do Arábica em Nova York. A queda das cotações em dólar foi, em parte, compensada pelo câmbio, sustentando os preços no mercado interno. / Macroeconomia e câmbio: o Índice Dólar atingiu em outubro a máxima em 18 meses (102,93 pontos), impulsionado pela inflação persistente nos EUA, que reforçou a expectativa de juros altos por mais tempo, e pela fraqueza do euro. O dólar mais forte encarece o café para compradores de outras moedas e pressionou as cotações em Nova York e Londres.

Fatores altistas: Estoques ainda apertados, demanda crescente: ainda há fundamentos de

sustentação para os preços. Segundo o USDA, os estoques globais devem permanecer apertados no ciclo 2026/27, equivalentes a apenas 14,62% do consumo mundial, projetado em nível recorde de 179,736 milhões de sacas. Esse volume é insuficiente para cobrir dois meses de consumo. / Ameaça do El Niño: a cafeicultura segue em alerta com o El Nino: Embora as previsões climáticas sempre envolvam incerteza, a consolidação do El Niño intensifica o receio no mercado. Segundo a maioria dos modelos analisados pela MetSul Meteorologia, o pico deste episódio, de intensidade excepcional, está próximo e deve ocorrer no fim de 2026 ou, no máximo, em janeiro de 2027. O risco de seca no Vietnã, na Indonésia, na Colômbia e na América Central, além de calor e chuvas irregulares no Brasil, mantém um prêmio de risco climático nos preços, num mercado com estoques baixos. / Floradas para safra 2027 no Brasil: ainda é cedo para cravar números, mas o campo não confirma o otimismo do mercado em função das chuvas. Excesso de umidade e calor causaram desequilíbrio nas plantas, com chumbinho, flor e botão na mesma roseta, o que indica desuniformidade ampla. Além disso, observa-se a mumificação de chumbinhos, sinal de abortamento de frutos e de perda de potencial produtivo antes mesmo da fase de enchimento dos grãos. / América Central e México: a Sucafina projeta queda de 9,3% na produção 2026/27, ou seja, uma produção abaixo de 18 milhões de sacas. A queda reflete as anomalias climáticas do primeiro semestre, com chuvas escassas e temperaturas elevadas que prejudicaram o desenvolvimento dos frutos e favoreceram a broca-do-café, além do ano de baixa no ciclo bienal do Arábica. Honduras, México e Guatemala lideram as perdas, o que tende a sustentar os prêmios dos Arábicas lavados. / Os estoques certificados continuam em patamares historicamente baixos: 225,068 mil sacas ao final de outubro/26 vs. 260,654 mil sacas um mês antes vs. 431,728 mil sacas um ano antes. / Escassez de qualidade (Brasil e América Central): Tendência de valorização nos diferenciais de base para os fine cups: Relatos de exportadores que já têm oferta de NY+20,00 para o primeiro semestre de 2027. / Segundo turno das eleições brasileiras, perspectiva econômicas e câmbio: Se no primeiro turno o mercado manteve a calma, o resultado final das eleições azedou o humor dos investidores. Com receios sobre a política econômica do governo eleito, o dólar encostou em R$ 5,60, e o café sentiu o impacto: com o real mais fraco, o produtor brasileiro ganha incentivo para vender, e as cotações recuaram nas bolsas de futuros.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

“O mercado vive um impasse: a safra recorde e as exportações em alta pressionam os preços agora, mas os estoques baixos, o El Niño e as floradas comprometidas podem provocar uma recuperação. Para o café que segue armazenado, a recomendação é dividir o volume em lotes e vendê-los de forma escalonada, com gatilhos de preço definidos antecipadamente, aproveitando cada repique do mercado. Uma parte pode ser vendida por agora, aproveitando o preço em reais sustentado pelo dólar, que pode se valorizar mais ainda, e gerando caixa antes da chegada das safras de outras origens, em dezembro e janeiro. O restante pode permanecer estocado, desde que com regras claras: um preço-alvo para vender em caso de alta e um preço mínimo que, se rompido, determine a venda imediata, evitando perdas maiores. Parte da receita pode ser usada

para garantir a compra de insumos da safra 2027, protegendo o produtor contra um possível aumento dos custos. Também é recomendável separar as vendas por qualidade. Os cafés de padrão comercial, mais expostos à oferta abundante do Brasil, devem ser comercializados primeiro, aproveitando os repiques de preço. Já os cafés finos (bebida fina, peneira alta, cereja descascado e lotes especiais) podem ser reservados para negociação posterior, aproveitando a tendência de valorização dos prêmios diante da escassez de qualidade."

Varginha, 10 de novembro de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé